

Facho luminoso

Esdras do **Nascimento**

Escritor, Doutor em Letras
pela Universidade Federal do
Rio de Janeiro (UFRJ).

esdrasn@uol.com.br

ROBERTO DE AQUINO bebe devagar o uísque. Diante dele, o romancista Esdras do Nascimento. Convívio difícil. Não vai a coquetéis, não comparece a lançamentos de livros nem a aberturas de exposições de artes plásticas, detesta eventos, reuniões, festas, evita dar entrevistas, odeia televisão, adora caminhar pelas ruas do Flamengo e de Copacabana, sem destino, parando aqui e ali, bebendo caipirinhas de vodca com lima da pérsia, se possível, sozinho. Eu me perturbo quando tem gente perto de mim, não sei o que dizer, tenho vontade de entrar no chão. Toda palavra dita é palavra perdida. As palavras não foram criadas para serem ditas. Elas existem para aumentar o mistério do ser e do existir.

A professora de literatura cruza e descruza as pernas, nervosa. Marcar o encontro com Esdras do Nascimento, no escritório dele, no Flamengo, fora difícil. Quase dois meses de telefonemas, troca de *e-mails*, desconversas, as coisas só se acertaram quando Leda Rita Cintra, agente literária dele, e Roberto de Aquino entrevistaram. Não tenho muito a dizer, fui amigo do Osman, sim, ele convivia com meio mundo, deve ter por aí gente mais qualificada do que eu para prestar esse depoimento. Ainda mais numa celebração como essa do *Avalovara* que vocês vão fazer. Quase brigamos por causa desse romance. O editor de um suplemento literário do Rio pretendia dar a capa com Osman, estava com a matéria pronta, queria resenha

do livro, que ninguém ainda tinha lido, para dar num *box*, recebera as provas finais da editora e perguntou se eu podia fazer, talvez seja você a única pessoa aqui do Rio que conhece *Avalovara*. Conheço, sim. Osman me telefonava pelo menos uma vez por semana para conversar sobre e me mandava trechos pelo correio. Retribuí opinando sobre *Variante Gotemburgo*, que veio a ser minha tese de doutoramento em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro e gerou muita discussão, por quebrar tradição multissecular: pela primeira vez no Brasil, talvez no mundo, a universidade aceitava como tese de doutoramento um trabalho de criação literária e não um texto de investigação teórica.

— O senhor escreveu a resenha? — perguntou a professora.

— Escrevi, sim. Melhor que não tivesse escrito. O suplemento literário saiu no sábado de manhã. Foto do Osman, badalação, capa de página inteira, lá em cima, minha resenha. Aí, no meio da tarde, alguém tocou a campainha do meu apartamento, com fúria. Osman. Possesso, aos gritos. O que teria havido? Osman era um rapaz fino, falava baixo, vestia-se com apuro, falava devagar, lembrava um lorde inglês, desses dos romances do século XIX. De porre, Osman? Encheu a cara no avião de São Paulo para cá? Ele continuou gritando. Foi esse seu artigo safado e mentiroso. Você não leu *Avalovara*. Como se atreveu a escrever a respeito? Está com inveja de mim?

— O que o senhor dizia no artigo? Atacava o livro?

— Só exaltava. Eu dizia que era um romance importante, bem escrito, admiravelmente construído, coisa assim no padrão Joyce, *Ulysses*, por aí.

Teria enlouquecido, o Osman? Eu não conhecia o romance? Na gaveta eu tinha páginas e páginas cheias de anotações que nós discutimos ao telefone. Sua memória não está boa, Osman. Venha cá. Vou lhe mostrar. Ele se irritou mais ainda. Se você está dizendo, deve ser verdade. Mas você escreveu essa porcariada para me prejudicar. Deu a entender que só alguém de muita cultura pode ler *Avalovara*. Com isso, você tentou afastar de minha obra os leitores. Pois, olhe aqui, você talvez não tenha entendido nada, mas fique certo de que qualquer pessoa, qualquer empregada doméstica, qualquer manicurezinha pode ler, entender e gostar de *Avalovara*. O tempo vai provar isso. Você vai ficar com cara de besta. Depois, ele se acalmou, pediu desculpas, estou nervoso demais, Esdras, essa publicidade toda em cima de mim, não estou acostumado. Fizemos um lanche, a amizade continuou.

A campanha de lançamento de *Avalovara* deu certo. O romance bateu recordes de venda, virou moda. O autor foi entrevistado na tevê, no rádio, nos jornais e nas revistas. Sucesso absoluto. Uma parenta minha, de Brasília, que lia pouquíssimo, comprou seis exemplares para dar de presente de Natal. Osman me gozava: eu não te disse?

Conheci Osman quando organizei os dois volumes da *Antologia do novo conto brasileiro*. Dividido o país em áreas geográficas, selecionei em cada uma os escritores que me pareciam mais significativos de cada tipo de história curta. Uma atualização da antologia *Contos e novelas*, de Graciliano Ramos, publicada alguns anos antes em quatro volumes.

Osman morava no Recife. Quando vinha ao Rio, hospedava-se comigo, em Copacabana, na Rua Barata Ribeiro. Ele tinha concorrido a um prêmio de peças de teatro criado pela Companhia Tônia-Celli-Austran, que era então o grupo mais importante do país. O resultado seria anunciado no começo da noite, no Teatro Mesbla, no centro do Rio. Osman não queria ir à cerimônia. Não tenho a menor chance. Um desconhecido de Pernambuco no meio de tanta gente famosa. Concorri de pura teimosia.

Insisti. Arrastei-o ao Teatro Mesbla. Lotado. Televisão, jornais, rádios. Terceiro colocado: Fulano. Segundo colocado: Beltrano. Primeiro colocado: Osman Lins. Ele sorriu abestado e ficou de pé. Sou eu, sou eu. Não houve algum engano? *Lisbela e o prisioneiro* era o título da peça, que se tornou sinônimo de sucesso no teatro, na televisão e no cinema.

Osman falava baixo, olhando nos olhos do interlocutor. E então, Esdras, como vai seu romance? Desconversei. Não vai. Tanta coisa pra fazer. Coluna de jornal, trabalho no banco, aulas, traduções, não tenho tempo, uma doideira. Ele se irritou. Como é? Jornal, banco, aulas, tradução. Entendi. Para o patrão, tudo. E pra você? Nada? Olha aqui, meu prezado. Escritor é um cara que escreve. Nada além disso. Mas se não escreve não é escritor. Entendeu? Dê um jeito na vida, se organize, procure escrever todos os dias. Se não fizer isso, não vai sair do lugar.

Aprendi a lição.

Ele era extremamente organizado. Quando vinha ao Rio, tinha tudo programado. Visitava pessoas, dava entrevistas, assistia a peças de teatro, ia a exposições, sempre cordial, mas sem permitir intimidades, aproximações. O tempo é o bem mais precioso que nós temos. Uma graça de Deus. Em uma semana de Rio, Osman fazia mais coisas do que eu em seis meses. Dava-me inveja. Quando ia a uma solenidade, a um evento, ou se encontrar com alguém, programava a que horas chegaria e sairia. E não se afastava disso.

Eu me casei e fui morar no Flamengo. Osman continuou se hospedando comigo. De manhã, para o café, ele chegava bem vestido, perfumado, barba tirada. Conversou com Dalva. Olhe, vou lhe ensinar a ser mulher de escritor. Quando o Esdras se levantar, você deve estar maquiada, penteada, com roupa atraente. Todos os dias. O que move o escritor é o belo. Ela riu. São três meninos, Osman. Fralda, mamadeira, suco, uniforme do colégio, fiscalização do serviço da babá e da cozinheira, café do Esdras. São essas as minhas preocupações quando saio da cama. Sou dona de casa, mãe, mulher. Maquiagem tem hora, Osman, mulher de escritor também. Pare com essa bobagem. Conversaram bastante, ele acordou para o ridículo do que dizia, ficaram amigos, telefonavam-se, Osman pensava o tempo todo em doença, perdia a voz com frequência, pedia sugestão de remédios caseiros, quando ela pegava uma gripe, por exemplo, mandava bilhetinhos dando conselhos.

Osman mudou-se para São Paulo. Divorciou-se, foi viver com Julieta, a grande contista que, talvez até em prejuízo da consolidação da sua própria obra, dedicou-se à criação de facilidades para que ele escrevesse em paz e à divulgação de tudo o que ele fazia. Juntos

escreveram *La Paz existe?*, cuidando separadamente dos aspectos pessoais e objetivos da viagem. Um belo livro.

Doutor em Letras com ensaio sobre Lima Barreto, Osman virou professor, foi trabalhar em Marília. Viagem longa, que ele fazia à noite. Para ganhar tempo – sempre a preocupação com o tempo –, comprou uma viseira com lâmpada que prendia à testa. Quando as luzes do ônibus se apagavam, ele começava a ler, com o livro iluminado. Numa dessas viagens, uma passageira acordou. Espantou-se com a luz que se movimentava. Começou a gritar. Osman se levantou. O facho luminoso dançava. Os outros passageiros acordaram. Tumulto. Quanto mais ele trocava de posição para descobrir o que estava acontecendo, a luzinha girava pelo teto do ônibus, pelas cadeiras, batia no rosto dos passageiros. Osman tentava acalmá-los. Sou eu, sou eu. E a confusão aumentava. Tem um doido no ônibus. Para, motorista. Para. Pode ser um assalto.

Quando Osman se divorciou, ao dialogar com o juiz, disse duas frases que foram reproduzidas nos jornais: "A principal causa do divórcio, meritíssimo, é o casamento. É isso que deve ser discutido".

Ele gostava de viajar. Mas só tem graça com a Julieta – dizia. Escreveu *Marinheiro de primeira viagem*. Diferente de tudo o que até então se fazia. Em vez de descrever a cidade, idas a museus, essas coisas, enfocava o transitório. Um dos grandes textos do livro é sobre a visita feita a Michel Butor, um dos papas do *Nouveau Roman*, no qual ele faz pastiche do jeito de escrever do autor de *A modificação*.

Já doente do câncer que o mataria, Osman foi a um debate sobre o papel do escritor na sociedade contemporânea. A intransigência com que defendeu a importância da obra de arte como depositária e trincheira dos valores humanos gerou polêmicas. A gente não pode se omitir, Esdras. É preciso testemunhar. Se houver oportunidade de falar sobre literatura, seja aonde for, vá. Mesmo que só haja uma pessoa para ouvir. Ou que não haja nenhuma. A simples presença do escritor já serve para provar que a literatura existe e durará para sempre. Isso faz parte do nosso ofício.

No livro *Guerra sem testemunhas* ele disse quase tudo o que tinha para dizer sobre o escritor, a leitura, o texto, o ensino, o leitor, o uso das palavras. É um livro importante, que releio de vez em quando e aconselho aos que às vezes me procuram.

Esdras do Nascimento põe mais uísque no copo.

— Espero que esses encontros sobre a obra do Osman na universidade tenham boa repercussão e concorram para o surgimento de novos leitores. Afinal de contas, um romance é o que está escrito, mas é também o resultado de tudo aquilo que se pensou, disse, ou não se pensou e não se disse sobre ele. Um romance é um mistério que se renova a cada leitura e enriquece espiritualmente o leitor. Escrever romances, sem pensar em quem vai lê-los, sem pensar em venda, sucesso, repercussão, é atividade que dignifica o ser humano, é uma prática de liberdade.

Esdras ri, vira-se para a professora e para Roberto de Aquino:

— Ficou solene e pernóstico isso que eu disse, não ficou? Passem uma borracha, apaguem da gravação, reescrevam. É resultado do uísque. Mesmo assim...

Roberto de Aquino agradece:

— Muito bom, o teu depoimento, Esdras. Que tal um chope no Julião? Tem um grupo de professores nos esperando. Querem te conhecer. E tem um repórter da *TV Sete de Setembro*. Leu todos os teus romances, por influência da mãe, que é professora de semiologia, quer te entrevistar e pegar autógrafa. A equipe da tevê já arrumou tudo lá no Julião.

— Isso não estava combinado, Roberto.

— Você tem razão. Desculpe-me. Mas não te custa nada. Tua agente, a Leda Rita Coimbra, disse que talvez você concordasse. Ela não te falou nisso?

— Não, não me falou porra nenhuma. Mas enfim... Seja o que Deus quiser. — Olha para os seios da professora. E para as pernas. Talvez... Olha para o teto. — Meu Jesus Cristo na cruz. Se possível, afastai de mim esse cálice. — Solta uma gargalhada. — Quando o estupro é inevitável... Você conhece a piada do japonês com a mulher, que foi assaltado, o bandido amarrou o cara, botou o revólver na testa dele e estuprou a mulher. Durante meses o japonês não falou com a esposa. Sempre emburrado e de mau humor. Ela estourou. Fiz tudo por você, meu amor. O revólver estava na tua cabeça, o assaltante poderia te matar. Ele urrou: Sei, foi assim mesmo, mas você não precisava mexer. — O romancista soltou uma gargalhada. — Acompanho vocês, Roberto, mas juro que não vou me mexer.

